

Identidade!

Um boletim do grupo d@s negr@s da ESTda IECLB com apoio da Federação Luterana Mundial - Vol. 1 - Nº 1

Negritude chegou! Mas o que é?

Peter T. Nash

Bem vindos ao primeiro exemplar do boletim informativo do grupo dos negros da EST da IECLB. Estamos esperando abrir um espaço para dialogar sobre assuntos atuais nas nossas vidas e questões culturais e, claro, coisas teológicas. Uma conversação entre os negros e as negras e nossos/as amigo/as na nossa igreja.

Ser negro/a numa igreja que tem raízes alemãs tão profundas oferece alegrias e dores compartilhadas por nós.

Pretendemos levantar as alegrias sem ignorar as dores e os problemas nessas páginas por dois motivos: é importante que um povo que vive, em boa parte, afastado um do outro, ache um jeito para comemorar as vitórias juntos. As dores também devem ser repartidas pelas pessoas que já passaram ou podem passar por esses sofrimentos vinculados à cor de pele.

No mês passado já comecei meu quinto ano letivo como docente da EST. Nestes quatro anos provei

página 4 col. 2

Qual dever ser o perfil de um/a estudante de Teologia?

Lurdilene da Silva

Um negro ou uma negra estudar Teologia e ser um/a pastor/a deveria ser uma coisa normal, já que vivemos em um país onde metade da sua população é negra, mas não é assim. Um/a negro/a estudar Teologia não é normal, principalmente, de confessionalidade Luterana, que possui como principal característica o germanismo.

Então qual é a aparência que dever ter um/a estudante de Teologia?

Durante o período prático de estudo (estágio), que cada estudante deve fazer, confrontei-me com uma situação curiosa, de que até então não havia me dado conta.

Em agosto de 1998, cheguei na comunidade de Rio Claro/SP, para realizar o estágio. Não tinha muitas informações a respeito desta comunidade, e nem a comunidade a meu respeito. Essa confrontação com o desconhecido faz com que demos asas à nossa imaginação.

Um grupo de mulheres começou a imaginar-me. Cada uma descrevia como me imaginava, e o objetivo era ver quem acertaria. Parece que eu

Biblioteca - EST página 4 col. 1

2002818
São Leopoldo RS

El Salvador: O País da Alegria !!

Günter Bayerl Padilha

Cuscatlán em língua Nahuat, significa *país da alegria*. Este era o nome com que os Pipiles batizaram sua terra. Depois da chegada dos espanhóis, tudo mudou e muitas lutas foram travadas para defender ou reconquistar esta alegria.

No museu da Revolução Salvadorenha encontrei fragmentos históricos desta luta de mulheres e homens pelo direito de ser um povo feliz e alegre. Os versos de Granadino, refletem esta forma de ser:

*Povo sonoro, coração de vento,
acorde de violinos da tarde
e jamais ser um povo nu, pedinte de
cobertas e abrigo.*

Acredito que os Pipiles tinham razão em denominar esta terra de país da alegria, pois este povo tão sofrido pela opressão nunca deixou de ser alegre. É fácil ver brotar nas faces fechadas das pessoas um sorriso largo. Parece que as pessoas salvadorenhas possuem o humor como cultura de resistência. A partir deste humor ridicularizam as situações mais adversas, por exemplo, quando em 98 o furacão Mitch assolou o país: *Oxalá, Deus mande mais um Mitch para que a gente receba algo para comer!!*

página 3 col 2

Existem duas Bahias

por Francisco R. Santos

Olá! Sou Francisco R. Santos. No 2º semestre do ano passado, realizei meu estágio de teologia em Salvador, Bahia.

Quero compartilhar com os amigos e amigas que lá, na terra da felicidade, três palavras me marcaram muito. São a alegria, fome e preconceito. Essas três palavras resumem minha experiência de estágio, porque existem duas Bahias – a dos brancos e a dos negros.

A Bahia dos brancos tem fortuna, tem água, pão, segurança e luxúria. A Bahia dos negros tem seca, o povo passa fome, humilhação e preconceito. Contudo, o povo baiano tem uma alegria de viver, enfrenta os sofrimentos celebrando a vida com o corpo, alma e coração. A alegria contagia quem está triste, por isso Deus presenteou esse povo sofrido com uma exuberante natureza. Feb 2000

Uma experiência do Espírito Santo na religiosidade Cristã negra

Adriano Otto

O teólogo José Comblin, no seu livro “O Espírito Santo e a Libertação”, comenta que hoje as experiências do espírito “estão ligadas a uma mudan-

ça profunda na leitura da Bíblia pelo povo Cristão, na oração dos leigos, na vitalidade da comunidade Cristã”.

Esta mudança na leitura da Bíblia já era feita por alguns escravos negros que aprenderam a ler. Eles começaram a “contar a seus companheiros no sofrimento as maravilhas que descobriram na Bíblia”. Esta descoberta já é uma experiência do Espírito.

Estavam deslumbrados perante os relatos de “luta e de perseverança; de fortaleza e de esperança quando tudo parecia perdido.” Pois o Deus que ali se apresentava não era um Deus opressor e julgador. Mas é um Deus que caminha com o povo que sofre. Um Deus que surge /aparece no interior do povo que clama por libertação.

É sabido que o negro se apossou de elementos do cristianismo para manter a sua religiosidade, como também houve casos de total “conversão”.

Carlos Mesters fala da “leitura popular da Bíblia”, algo que os negros já faziam: utilizavam a Bíblia para interpretar sua realidade. Não era uma interpretação fundamentalista, mas uma interpretação que visava “a vida e como discernir onde e como Deus está presente para dar a vitória”. Para eles, “a Bíblia é Palavra viva”. Por isso fidelidade à Bíblia não é fidelidade às culturas dos que a escreveram, mas,

página 5 col. 1

Padilha, de página 2

O que percebi é que a repressão cultural e econômica conseguiu acabar com a identidade étnica no país, pois a maioria da população é mestiça, só uma minoria é indígena, negra ou européia. Em El Salvador não percebi nas pessoas uma consciência de suas raízes. Outro fato que me chamou a atenção foi que até hoje se preserva na constituição um artigo que proíbe a entrada de negr@s no país. Este artigo, no período da colonização, queria controlar o tráfico de escrav@s negr@s em El Salvador. “Somente” 20.000 negr@s foram utilizad@s como escrav@s no país. Porém, suspeito que esta lei carrega um cunho preconceituoso que ainda tem influência. Notei, por exemplo, que, quando falavam sobre a população brasileira, cuidavam para usar o termo moren@s e não negr@s. Igualmente, se referem @s hondurenh@s, que são majoritariamente negr@s, como preguiços@s. Estes exemplos mostram que o preconceito racista lamentavelmente não é exclusividade do Brasil. Ele foi globalizado há muito tempo e mora no imaginário de nossos povos.

Hoje, pelo seu pequeno tamanho, El Salvador é apelidado de *El pulgarcito de América* (Pequeno Polegar da América). Neste pequeno país percebi uma riqueza de valores: um povo que não deixa morrer a esperança, que trabalha sol a sol, que ri, que

chora, que aproveita qualquer recurso para exercer sua criatividade e mostrar sua cultura e seu caráter. É a este povo quer dizer com as palavras de Alí Primeira:

*Vai salvadorenho, vai
que não há pássaro pequeno
que depois de alçar o vôo
se detenha em seu voar.*

daSilva, de página 1

decepcionei a todas, pois esperavam uma pessoa branca, de família alemã, gorda, alta e chata. Não passava pelas cabeças daquelas mulheres que na EST havia negros/as estudando para ser pastor/a.

Isso não prejudicou meu relacionamento com a comunidade que, apesar de ser bem alemã, me acolheu muito bem e em nenhum momento senti discriminação racial. Eles compreenderam que dentro da IECLB há pessoas que não são de família alemã e que não falam o alemão.

Infelizmente essa imagem não fica somente no país. Também no exterior a EST tem a imagem de que todo o estudantado é alemão.

Em 1999, estive em Cuba realizando o intercâmbio e de novo as pessoas me imaginavam, mas desta vez de forma diferente. Não como uma alemã, mas como uma negra. Desta vez a imaginação foi baseada na fotocópia do passaporte que apresentava a foto muito escura.

Ali, no seminário de Matanzas, esperaram uma negra com cabelos longos e trancinhas...

Não sou branca como os estudantes anteriores que ali estiveram, mas tampouco negra como esperavam. Diziam que eu sou a imagem do povo brasileiro, que minha cor representava a mistura de raças que formam a população desse país.

A partir destes dois fatos me pergunto: até quando a IECLB será uma igreja de alemães para as comunidades? Quando mudaremos esta imagem que é passada para fora do morro?

nash, de página 1

o interesse do corpo discente para saber algumas verdades que não são muito bem divulgadas – por exemplo, já sabia que há um profeta veterotestamentário de origens africanas? Sabe qual é? Tem vários costumes hebraicos que têm raízes africanas. Sabe por quê? Aquele retrato de Jesus na nave da igreja com olhos azuis e cabelos loiros está historicamente errado, tchê – quer saber por que eu falo assim?

A partir destas questões, já vimos, aqui na EST e na IECLB, necessidade – em conjunto com outras mudanças —

página 7 col. 1

Otto, de página 3

fidelidade à presença de Deus/Espírito na história do povo oprimido.

Os negros, às vezes, “buscavam pretextos para se reunirem e celebrar a nova vida que encontravam na Palavra” viva. Por isso, os ouvintes não eram meros espectadores. Eles participavam ativamente das celebrações; ora chorando, sorrindo, ora aplaudindo, dançando... Os seus dirigentes deixavam que o povo incorporasse nas liturgias as suas próprias expressões e símbolos, pois “Deus é tudo e está em tudo”. O mais importante dessa experiência do Espírito Santo em meio ao povo negro, era: “mais que utilizar a Bíblia, permitiam que a Bíblia falasse através deles. O que o Espírito está dizendo a mim através do texto.”

“O povo lê a Bíblia como uma experiência do Espírito. Ela é realmente uma iluminação na mente, o descobrimento da verdade, a luz no fim do túnel. Esta leitura faz-se com entusiasmo e alegria”, celebrando a vitória do Deus libertador (Comblin).

Deus decepção

*“Eu, cheio de preconceitos,
Racista!
Eu, com falsos conceitos,
Neo-nazistas!
Eu, detestando pretos,
Eu, sem coração!...”*

Mas estou pensando agora:

*E quando chegar minha hora?
Meu Deus, se eu morresse amanhã,
De manhã?...*

*Na terra só persegui os pretos,
Não aluguei casa, não apertei a mão.
Meu Deus você é negro, que decepção!...*

Meu Deus você é negro, que decepção!...

*Deus, eu não podia adivinhar.
Porque você se fez assim?
Porque se fez preto,
Preto como o engraxate,*

*-Aquele que expulsei da frente
de casa!*

*Deus, pregaram você na cruz
E você me pregou uma peça:
Eu me esforcei à bessa*

*Em tantas coisas e cheguei até a
pensar em amor,
Mas nunca, nunca pensei em
adivinhar sua cor”.*
(Neimar de Barros)

Uma viagem pelo mundo da Poesia

Estive pensando...

Partiu, e nem se quer disse tchau!
“Acontece que depois da partida, só fica a ferida, ferida que não se deseja curar, pois ela traz de novo à memória o belo que uma vez foi”.

(Rubem Alves)

Mas isto é viver no passado. Fica a pergunta:
O que faço agora no presente?

**Renuncia!
Renúncia**

**“Eu queria uma vida assim com você:
sem relógio e sem dedo em riste,**
página 6 col. 1

sem lei e sem sociedade,
sem satisfação e sem tchau!

Eu queria uma vida assim com você
Mas, felizmente, meu querer não é tudo,
E meu poder é limitado.

Felizmente minha palavra se esvai
E este papel se amarela...

O bacana é a crescente, a renúncia
A noite mal dormida, a consciência;
O bacana é a luta,

É saber que existe o perdão,
É a dúvida do “não quero”, mas quero!

Eu queria uma vida assim com você,
Mas dou graças por não tê-la,
Porque só assim eu posso

escrever tudo isto,

Só assim eu posso medir-me,

Posso certificar-me da limitação
humana.”

(Neimar de Barros)

Por isso que o “amor é a coisa mais alegre./
Amor é a coisa mais triste./Por causa dele
falo palavras como lanças./

Amor é a coisa mais alegre./Amor é a
coisa mais triste./ Amor é a coisa que
mais quero./Por causa dele podem
entalhar-me./Sou de pedra-sabão./Alegre
ou triste./amor é a coisa que mais quero.”

(Adélia Prado)

Ele é “evento de graça. Aparece
quando quer, Só nos resta ficar a esperar”

Do mesmo modo, ele acaba.
para recomeçar, a qualquer momento, em
qualquer lugar. Só nos resta a esperar!

Você já notou?

Nas páginas 2-4, o autor usou uma novidade gramatical, o símbolo @ para indicar os dois gêneros. O que você acha disso? Escreva para a gente com a sua opinião!!

Um dia na vida de Um Intercâmbista

Pietermaritzburg, África do Sul
José Alencar Lhulhier

Hoje eu cai da cama após o despertador me obrigar a isso as 05:00h da manhã (meia noite de sábado, no Brasil), me preparando para o Culto aqui na Capela da Casa Luterana de Estudos as 06:00h da madrugada pois hoje:

Hoje é Páscoa também aqui na África...

Após fazer minha higiene matinal, coloquei uma vestimenta folclórica Africana e fui para a Capela onde iniciei a tocar os sinos as 05:30h (os vizinhos queriam me extraditar em um envelope comum) convidando os residentes da LUTHOS a se achegarem pois:

Hoje é Páscoa também aqui na África...

Após o Culto, a turma (que habita em diferentes residências) se reuniu na “main residence” (residência principal) para compartilhar um café da manhã em conjunto, celebrando, pois:

Hoje é Páscoa também aqui na África...

Hoje a tarde, as 16:30h, teremos um churrasco comunitário (veja se isto e horário para churrasco) onde teremos mais um momento de comunhão, pois:

Hoje é Páscoa também aqui na África...

E possível ver no rosto das pessoas a expressão de alegria, por saber que hoje é o dia mais importante para toda a cristandade por ser o dia em que **JESUS CRISTO VENCEU A MORTE**, porque:

Hoje é Páscoa também aqui na África...

E eu, pessoalmente, lembrei de desejar a você um feliz e abençoado Domingo de Páscoa, pois:

**HOJE É PÁSCOA TAMBÉM AQUINA
ÁFRICA, BEM COMO, NO BRASIL!!!**

de mudar o meu perfil na EST. Com essa mudança podemos melhor aproveitar minhas experiências formais e informais com o conceito de Negritude. Agora, a partir de março continuo atuar como professor do AT na FACTEOL e no IEPG e comecei atuar como professor e pesquisador na questão de Negritude na Bíblia e na Igreja, também nas mesmas instituições.

Estou animado para este novo projeto. Percebo uma abertura na faculdade e na igreja para conhecer mais uma parte da verdade do evangelho. Minha expectativa é que eu vou estar mais livre para participar nas comunidades e nos sínodos nas suas reuniões e nos seus estudos. E daí, vou conhecer mais da nossa igreja querida.

Negritude é assumir a própria essência negra de uma pessoa ou de um grupo. Ser negro na virada do milênio é uma experiência rica e complexa. Tem negros e negras em todo canto do mundo vivendo várias culturas, mas quase sempre a cor da pele faz uma parte da identidade da pessoa. Não é uma coisa que tem a ver somente com pobreza ou opressão, mas também com heranças familiares e culturais fartas. Assim como as culturas judaicas que vivenciam vários níveis de aceitação nos vários lugares do mundo, as

culturas que acham suas raízes na África experimentam várias reações em seus lares adotivos. Da mesma forma que a memória do sofrimento é retomada na festa principal do Judaísmo, a Páscoa, a essência dos povos africanos na diáspora se localiza na memória das experiências de sofrimento e libertação dos antepassados.

A negritude então é mais uma caminhada do que uma coisa fixa. É o processo de entender como é ser negro ou negra num mundo dirigido por outros. É como ser negro e cristão numa igreja que não sabe como ler a Bíblia com negros e cultura africana que a permeiam.

Já três vezes fui privilegiado de participar nos congressos da CIBL (Conferência Internacional dos Luteranos Negros). Cada vez tratamos assuntos que nos atingem. 1986 em Harrare, Zimbabwe perguntamos, Podemos ser Negro e Luterano? Em Bulawayo, Zimbabwe em 1996 imaginamos, Qual é nossa Resposta Luterana e Negra a um Mundo que está tão dividido entre Ricos e Pobres? Mais atualmente, em 1999 em Wittenberg, Alemanha, procuramos pensar em, Justificação – um Olhar Negro e Luterano. Essas são as questões que os teólogos negros estão tratando.

Vem, vamos achar nossa negritude Brasileira e Luterana?

A Autora e os Autores



Adriano (Mineiro) Otto está cursando o sexto ano de teologia. Ele dedica sua “viagem poética” aos seus amigos/as, em especial Deolindo e “Aninha”, por ouvi-lo com muita paciência

Francisco (Chico) dos Santos é um gaúcho leopoldense também do sexto ano de



Günter Bayerl Padilha é catarinense de São Bento do Sul, também do sexto ano.

José Alencar Lhulhier está curtindo um ano de intercâmbio na Universidade de KwaZulu Natal, Pietermaritzburg. Ele é de Pelotas/RS e no quinto ano de Teologia. Ele enviaria muitas notícias da África durante 2000.



Lurdilene da Silva é de S. José de Mantimento/MG, cursando o sexto ano de Teologia.

P. Peter Theodore Nash, Ph.D., é docente da FACTEROL e IEPG da EST na áreas de Antigo Testamento e Negritude na Bíblia e na Igreja. Ele reside no Brasil desde 1995.



Atenção

Pretendemos usar este espaço para anunciar eventos especiais, oficinas, etc.

Também a gente gostaria de ouvir de vocês.

1. Idéias para melhorar nossa comunicação.
2. Reações ao Boletim.
3. Acontecimentos na comunidade negra e luterana.
4. Onde estão os negros e as negras luteranas.

Mandem suas respostas para:

identidade!

EST

Caixa Postal 14

93001-970 São Leopoldo/RS ou

identidade@est.com.br

O primeiro anúncio é que a gente da EST pretende promover uma consulta sobre como que é ser Negro e Luterano no ano 2001. Vai ser aqui na EST e provavelmente entre janeiro e março. Fiquem de olho!

na próxima edição!

Estamos perdendo QUATRO estudantes no fim do semestre. Eles serão formados e voltarão para Angola, Peru e Venezuela e prometem compartilhar seus sentimentos sobre este passo nas vidas deles.

